

Entrevista com Regina Zilberman

Interview with Regina Zilberman

Regina **Zilberman**

Professora e pesquisadora (UFRGS/CNPq)

Uma conversa com a professora e pesquisadora Regina Zilberman (UFRGS/CNPq) é sempre um encontro com a erudição e a história da literatura infantil, o ensino de literatura e a leitura literária. É, também, um momento ímpar para refletirmos sobre os caminhos históricos da leitura literária no Brasil. É preciso enfatizar, ainda, a importância dos trabalhos e das pesquisas desenvolvidas pela professora para o ensino de literatura no Brasil ao longo de sua extensa carreira acadêmica. Na oportunidade, agradecemos a gentileza da pesquisadora em atender a Revista Cerrados que, no número 42, aborda questões em torno do ensino de literatura. É com grande satisfação que publicamos, como abertura de nosso dossiê **Ensino de literatura: tensões, polêmicas e processos**, uma entrevista com a pesquisadora.

Entendemos que as reflexões da Prof^ª. Regina Zilberman entram em consonância com os limites temáticos dos artigos que compõe nosso dossiê.

CERRADOS: Como transcorreu sua trajetória de formação como leitora e qual a importância que dá à escola nesse processo?

ZILBERMAN: Li bastante na infância por estímulo de meus pais, sobretudo minha mãe. Não que eles me obrigassem a alguma atitude leitora: é que eu gostava dos livros, antes mesmo de ter sido alfabetizada. Assim, recebia livros como presente e também “herdava” aqueles que minhas primas mais velhas não liam mais.

A escola, nos primeiros anos do que seria hoje o ensino fundamental (então dividido entre o primário e o ginásio), não ajudava muito. Predominava o livro didático com textos selecionados dos “clássicos” brasileiros, como Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu. Adolescente, continuei a ganhar livros em aniversários, quando tive acesso a Machado de Assis, por exemplo. Ao final do ginásio e nos anos do ensino médio (o colegial, unificado, na escola em que estudava, que fazia algumas experiências de vanguarda), melhorou bastante, com a leitura dos modernos brasileiros e internacionais. Talvez tenha sido essa formação que me tenha desviado para as Letras, fazendo com que desistisse do curso de Medicina, que antes estivera no meu horizonte.

CERRADOS: Qual força ou importância tem a literatura na formação de leitores?

ZILBERMAN: Paulo Freire tem uma formulação que, embora tenha se tornado um clichê, é verdadeira: a leitura do mundo precede a leitura da palavra. Em outros termos, somos leitores desde que nascemos e começamos a tomar consciência do mundo que nos rodeia. Esse mundo aparece mediado pela linguagem, sobretudo a linguagem verbal, e é essa que pode nos conduzir aos textos escritos. A palavra mimetiza o mundo e, ao mesmo tempo, sintetiza-o, tornando-o compreensível e assimilável.

A literatura absorve com muita facilidade essa propriedade da linguagem verbal e, por extensão, da palavra escrita. Ela pode trazer o universo dentro de si, portanto, estimular e fortalecer o leitor ou a leitora que necessariamente somos. É aqui que entra em cena o trabalho de mediação, que toma várias formas: pode ser conduzido pelo próprio livro, se tivermos acesso a ele; mas pode ser antecipado pelas narrativas orais, pelo compartilhamento das experiências, etc.

Creio que o mais importante é o ser humano entender-se leitor, sendo essa condição parte de sua natureza. Em um artigo publicado recentemente, “Para uma política de mediação em leitura”¹, procurei examinar essa questão com exemplos extraídos da própria literatura, como *Vidas secas*, de Graciliano Ramos.

CERRADOS: Qual leitura literária marcou sua trajetória como leitora na infância?

ZILBERMAN: Como observei antes, gostava muito dos livros, e havia bastante

1 Revista do Centro de Pesquisa e Formação. Sesc-SP. V. 2, maio 2016. p. 126-141. www.sescsp.org.br/revistacpf. http://www.sescsp.org.br/online/artigo/10234_REGINA+ZILBERMAN#/tagcloud=lista.

deles em minha casa e na de minha avó materna, uma ótima leitora. Essa avó gostava de contar histórias, e eu adorava ouvi-la. Às vezes ela narrava contos de fadas, às vezes lia-os para os netos, conforme uma cena que ficou gravada em muitas obras brasileiras. Já leitora, Monteiro Lobato foi um amigo inseparável. Li e reli vários de seus livros para a infância, até me separar dele na adolescência. Outros autores desses tempos são Viriato Correia, Swift e Defoe em adaptação, a Condessa de Segur; a coleção Jovens do Mundo Todo, que a Brasileira lançou no começo dos anos 1960, colocou-me a par dos autores mais modernos. Na mesma época, era grande consumidora de histórias em quadri-nhos, editadas pela Abril, pela EBAL (Editora Brasil América), a Rio Gráfica Editora, essas duas últimas peritas em lançar clássicos adaptados para quadri-nhos, preludiando, digamos, as graphic novels hoje tão apreciadas.

CERRADOS: Como ocorreu sua aproximação, como pesquisadora, com as questões sobre a literatura infantil e a formação de leitores?

ZILBERMAN: A formação de leitores é, parece-me, uma preocupação de todo professor de literatura, que certamente almeja que os estudantes se identifiquem afetiva e emocionalmente com o material com que se trabalha em sala de aula. Ser um formador de leitores, e ser simultaneamente um leitor razoavelmente formado, não se confunde com a pesquisa sobre literatura infantil.

Literatura infantil é uma área específica de conhecimento. É possível examiná-la sob várias perspectivas (histórica, analítica, crítica, ideológica, linguística, etc.), uma delas sendo as relações que estabelece com a educação e o ensino. Relativamente ao que produzi a respeito, creio que se reconhecem algumas daquelas perspectivas: a histórica, a analítica, a crítica e eventualmente a ideológica. Mas também a pedagógica, até porque a literatura infantil depende muito da escola, seja porque essa é a que dá acesso aos primeiros livros impressos por meio do letramento, seja porque a literatura infantil se associa, desde seus inícios, à escola enquanto espaço de circulação.

Acredito que minha aproximação a essas questões deveram-se a vários fatores: os de ordem metodológica (no livro *Erico Verissimo e a literatura infantil* (1978), as obras daquele autor são examinadas desde as bases da narratologia), seja as de ordem teórica, pois se trata de um campo fértil para o exame de questões relativas à recepção. Um fator importante foi também a oportunidade: nos anos 1970, em decorrência da reforma curricular, a leitura – ou sua falta – tornou-se um tema relevante, e cabia discuti-lo, levando a mim, e às pessoas com quem interagia, a se dirigir a um objeto literário, no caso o livro para a infância e a juventude, que podia colaborar para o equacionamento de alternativas didáticas em sala de aula.

CERRADOS: Por que o interesse pelas práticas de leitura literária são relevantes para a formação de leitores no Brasil?

ZILBERMAN: Como observei anteriormente, considero que somos leitores, digamos assim, desde o momento em que o mundo – pessoas, coisas, sociedade, natureza – aparecem a nós enquanto alteridade a decifrar. O desejo de entender o real constitui uma leitura e uma interpretação. É a linguagem que sintetiza esse processo, porque, ao conhecimento do outro, segue-se a expressão desse saber por meio de uma expressão, que pode ser gestual, mas que será progressivamente associada à verbalidade (o choro da criança evidenciando fome ou dor, por exemplo) que, por sua vez, será traduzido em símbolos. Walter Benjamin refere-se, em seus ensaios, a esse poder mimético da linguagem.

A linguagem verbal é, pois, uma síntese da leitura de mundo, que se transmite à escrita e, por conseguinte, à literatura. Não pretendo que a literatura seja superior a outras manifestações linguísticas ou não linguísticas, mas ela guarda um poder de sintetização muito grande, já que, como a linguagem na sua origem, é igualmente mimética e tende a expor mundos completos e complexos. Eis por que é importante valorizar a leitura literária, sem, porém, desacreditar as outras formas de manifestação de leitura presentes em expressões orais, performáticas, imagéticas, etc.

CERRADOS: Que ações seriam importantes para relacionar a leitura literária no Brasil e a teoria da literatura?

ZILBERMAN: A Teoria da Literatura pode oferecer um bom suporte às teorias da leitura, na medida em que nos fazem refletir sobre obras literárias e expressões de ordem linguística. Atualmente a Teoria da Literatura ultrapassou os limites que a condicionavam a uma reflexão exclusiva sobre o texto, independentemente de suas conexões com a sociedade, a cultura, a política, a condição psicológica, social, étnica e de gênero dos autores e dos leitores. As teorias da leitura, por sua vez, também não podem abrir mão dessas questões, por isso, caminham, ambas as propostas de reflexão sobre a literatura, numa direção comum.

CERRADOS: Em um de seus textos, a senhora comenta que a literatura infantil e a escola têm uma parceria antiga e mal resolvida. Pensando no decurso temporal desde a publicação desse texto, quais os maiores desafios do ensino de literatura na atualidade? Essa parceria foi (bem) resolvida?

ZILBERMAN: A literatura infantil e a escola experimentam uma relação simultaneamente de atração e rejeição. Espera-se que a literatura infantil, produzida, distribuída e avaliada por adultos, transmita algum ensinamento à criança e ao

jovem. Esse ângulo pedagógico, por sua vez, entranha-se muitas vezes naquele gênero literário, convertendo-se em uma norma de interpretação. Exposto em outros termos: diante de um texto literário, coloca-se a pergunta sobre seu sentido, buscando uma interpretação; diante de um livro para crianças e jovens, a pergunta às vezes estende-se de “o que significa?” para “o leitor – criança ou jovem – saberá chegar ao significado?” Ao assim proceder, renova-se a velha parceria, indicando que a questão não foi resolvida.

CERRADOS: Qual sua opinião sobre a relevância da leitura literária na formação do sujeito, sobretudo, no século XXI?

ZILBERMAN: A leitura literária não perdeu espaço nesse século XXI. O que perdeu a hegemonia foi o livro impresso, perda essa traduzida pelo fato de que, nos últimos anos, ele tornou-se um objeto que precisa ser adjetivado, quando, antes, era um substantivo autossuficiente. Assim, o livro agora pode ser impresso, digital, ebook, etc. Mas todos esses suportes dão margem à expressão da literatura, que, enquanto tal, não perdeu território, nem importância.

CERRADOS: Com os inúmeros avanços tecnológicos, a TCI's na escola e outras tantas novidades, como a senhora vê, nos dias atuais, as relações entre a literatura e o grande público?

ZILBERMAN: Parece-me que a produção literária está descobrindo os novos caminhos de criação e de difusão graças aos meios de divulgação – blogues, sites, redes sociais – e aos suportes que se oferecem, em decorrência dos avanços tecnológicos.

CERRADOS: Nosso dossiê tem como tema o “Ensino de literatura: tensões, polémicas e processos”. Quais são os maiores desafios para o ensino da literatura nos dias atuais?

ZILBERMAN: Em artigos e conferências apresentadas na Abralic, entre 2013 e 2014, procurei examinar a questão do ensino da literatura. Designei o primeiro dos textos “Ensino da literatura – uma disciplina em perigo?”, parafraseando em parte o título do livro de Tzvetan Todorov, *A literatura em perigo*, publicado no Brasil em 2009; ao segundo dei o nome “Precisamos falar sobre o ensino”. Nos dois, procuro examinar as modificações sofridas pelo ensino da literatura, especialmente no nível médio, em decorrência dos PCNs e do ENEM, com efeitos sobre os cursos de Letras. Creio que o problema principal, exposto naqueles artigos, não se alterou muito, pois a literatura tem efetivamente perdido espaço nas instâncias vinculadas à educação: planos nacionais, base nacional curricular, exames de final do ensino médio, e até recentemente mesmo no ENADE.

Não é, porém, o único desafio diante do qual temos de nos posicionar, refletir e, se for o caso, agir. É que cabe decidir de que literatura falamos, quando discutimos seu ensino. A canônica? A popular? O best seller? Os gêneros dirigidos aos público infantil e jovem? E de que leitor falamos? O letrado? O indivíduo que provém das classes populares e que constitui a grande massa de nossa população? E como ficamos diante das segmentações étnicas e de gênero quando discutimos a formação do leitor?

Portanto, os desafios são imensos, sobretudo quando, no Brasil, presenciemos tantas e tão rápidas mudanças.

CERRADOS: Como forma de finalizar esta entrevista e, novamente, agradecendo por sua colaboração, pedimos que deixe suas impressões sobre o papel da escola na formação de leitores literários nos dias atuais.

ZILBERMAN: A escola é, hoje, o principal espaço de circulação da literatura, quando se pensa o conceito de modo convencional: livro impresso, autores canônicos, gêneros tradicionais. Mas há todo um outro universo que fica do outro lado dos “muros da escola” e que não podemos esquecer, ignorar ou evitar. Talvez as novas práticas de ensino e de valorização do leitor tenham de começar por entender não o que ocorre dentro da escola e o que essa propicia ao professor e ao estudante, mas o que se passa do outro lado, lugar que acolhe aqueles sujeitos, sobretudo os mais jovens, de modo mais amistoso e menos exigente em termos de cobranças e obrigações.

Ficamos gratos pela preciosa colaboração.
Organizadores do número 42 da Revista Cerrados.